

OESP (cad 2)
21/5/97 D-6
553
música

CDs registram a magia dos sons primitivos

Compilação que reúne cantos tribais dos quatro continentes já chegou às lojas e custa R\$ 55,00

MAURO DIAS

Começa a chegar às lojas brasileiras o CD duplo *Vozes de Mundos Esquecidos*. São 38 faixas com música tradicional de povos indígenas de todos os continentes. Foram gravadas em mosteiros no Tibete, em iglus, ao ar livre — durante a celebração do trigo dos índios brasileiros caiapós — ou num apartamento, em Tóquio.

É uma produção da editora norte-americana Ellipsis Arts (a edição que chega ao mercado brasileiro foi traduzida pela editora portuguesa Galatea) e parte do dinheiro obtido com a venda vai para a Comissão de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU).

Os discos vêm dentro de um estojo que contém também um livro de 96 páginas, com a história da produção e dos produtores e fotos em cor e textos esclarecedores sobre o significado de cada música para cada tribo que teve sua canção registrada. O conjunto, belíssimo, custa R\$ 55,00 e pode ser obtido, ainda, por meio da MCD — Música pelo Correio, pelo telefone (011) 257-9744.

Vozes de Mundos Esquecidos não tem a pretensão de esgotar as informações musicais dos povos indígenas conhecidos, que seriam, de acordo com os produtores, mais de 250. É uma amostragem, advertem. "Um aceno", reza o texto da contracapa. "Uma beliscadura da nossa procura de sons e canções de todo o mundo." O que não torna a obra menos significativa. Cobre um espectro vasto e apresenta a ouvintes ocidentais alguns padrões musicais que têm pouco a ver com o que entendemos por música.

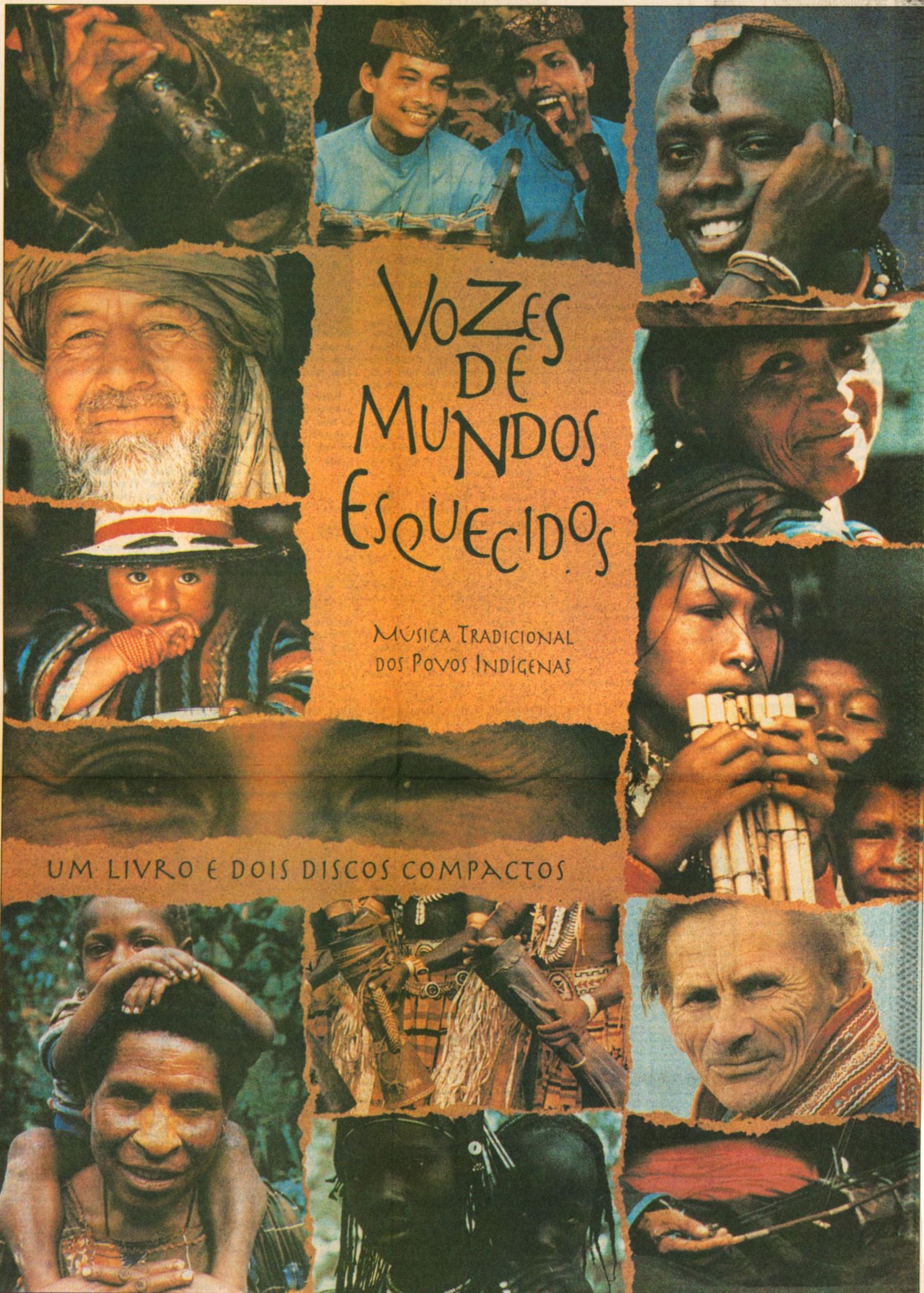
Diversidade — Uma observação: pode-se parecer genérico, não é tanto por culpa dos pesquisadores quanto por falha de quem não faz pesquisa e deveria fazê-la. Ficando no exemplo local, a diversidade da música brasileira é rica o suficiente para merecer um trabalho desses dedicado exclusivamente a ela. Caberia um projeto, que deveria encontrar respaldo no Ministério da Cultura, em editoras de livros, emissoras de televisão. É assim que se faz em todo o mundo. Foi assim que se fez *Vozes de Mundos Esquecidos*.

É como se dão a ouvir as vozes da diversidade cultural. Como a dos tuvanos (de "um território isolado entre a Sibéria e a Mongólia"), que usam flautas e cordas rasqueadas como fundo para o canto gutural que explora os sons harmônicos que a voz humana emite. Com isso, um cantor tuvano consegue cantar acordes — toscos e guturais, mas acordes. Os garifunas (vivem ao longo da Costa Leste da América Central, de Belize até a Nicarágua) toram troncos de mogno ocos, escavados até tomar a forma de bari, chocalhos e guizos. A origem é africana e a música resultante lembra um pouco a do candomblé brasileiro.

A música dos povos quíchuas (que vivem nos Andes) tem, em todos os países onde aparece, características muito semelhantes. A faixa constante do disco é um canto colombiano que se crê reminiscente da música marcial dos guardas incas. Predomina o som das flautas de madeira, como era de se esperar. Mais curiosa é a música dos bunums, de Taiwan, que tem poucos traços orientais — ou do que ficou estabelecido, para nós, como música oriental. O texto explica que os bunums (a palavra quer dizer "pessoa") são uma genuína tribo da montanha, cujas tradições sobreviveram sobretudo por transmissão oral.

Não, você não ouviu antes — ou talvez tenha ouvido num filme que focalize de passagem paisagens exóticas — um canto de amor dos pashtuns, do Afeganistão (as vozes sobre a harmonia dos robabes, pequenos órgãos), ou um tema de precissão maia (do México), apresentado da forma mais tradicional que é hoje possível, e muito menos um coral ashíq, do Azerbaijão, extraordinariamente harmonioso e melódico. São manifestações que praticamente não estão disponíveis à observação e à apreciação do público.

Também não deve ter ouvido o belo canto coletivo dos maoris, da



A capa do estojo: as 38 faixas dos dois CDs não têm a pretensão de esgotar as informações sobre a cultura musical dos povos indígenas conhecidos, que são mais de 250

Nova Zelândia, ou o canto grave e solene — impressionante — dos monges tibetanos. A gravação apresentada foi feita no Colégio Tântrico de Gyutto, pelo pesquisador David Lewiston, um dos autores de *Vozes de Mundos Esquecidos*, em 1975 (leia texto ao lado).

No livro, o texto conta que o explorador Álvaro de Mendana de Neira, espanhol, desembarcou, em 1567, num pequeno arquipélago do Pacífico Sul onde, acreditava-se, Salomão teria escondido seu tesouro. As Ilhas Salomão mantiveram-se assim chamadas. Seu povo teve pouco contato com os europeus até a 2ª Guerra — quando as ilhas foram palco de uma batalha entre o Japão e os Estados Unidos. Venci-

da a guerra, os Estados Unidos montaram ali um complexo militar. A presença de estrangeiros estimulou a força nacionalista, fez crescer o interesse pelas tradições — um coral de homens e mulheres canta, com acordes nitidamente orientais, um tema típico.

Gravado ao vivo, durante uma cerimônia, o canto dos caiapós brasileiros tem como música de fundo o barulho dos grilos. É simples, monocórdia, nitidamente anímica. Já a música dos agas, de Bali, apresenta um grau de elaboração que indica onde compositores contemporâneos, de Nino Rota (autor da maioria das trilhas sonoras de Fellini) a Philip Glass (um dos papas, mesmo que deserde a criação, do minimalismo) — citando dois grandes nomes, entre os mais conhecidos e saudados —, foram buscar inspiração para o que, na falta de conhecimento, chamamos hoje de música nova.

Inglês corre o mundo em busca de inéditos

Contato com a umbanda em Salvador mudou a vida do pesquisador David Lewiston

JOTABÉ MEDEIROS

Um dos nomes mais expressivos por trás do projeto *Vozes de Mundos Esquecidos* é o do pesquisador inglês David Lewiston, 68 anos. Com perdão do trocadilho infame, ele é uma espécie de dr. Livingstone da música étnica, tendo percorrido nos últimos 30 anos da Ásia à Guatemala, da Indonésia aos terreiros de umbanda de Salvador atrás de tons, sobretons e meiotons inusitados.

"Sou basicamente um turista musical", disse Lewiston, por telefone, do Havai, onde vive. Ele fez questão de ressaltar que trabalhou em apenas três das 38 faixas do disco *Vozes de Mundos Esquecidos*, além de escrever ensaios no livro que integra o projeto.

"Quando estive em Salvador, em 1968, tive uma das experiências mais impressionantes de minha vida nos terreiros de umbanda", contou Lewiston. "Aquilo mudou minha vida e tornou-me menos pragmático, fez com que eu acreditasse no mundo dos espíritos."

De qualquer forma, salientou, sua atividade como "recolhedor de sons" é um trabalho basicamente de músico. "Eu procuro músicas que me parecem maravilhosas em

culturas diferentes e as trago para que as pessoas possam ouvi-las e ter prazer com elas", afirmou. Em nenhum momento a intenção é de trazer junto com a música seu processo espiritual. "Isso requer a intenção, a disciplina do espírito, não é algo que se possa comprar com um disco."

Lewiston também não se considera um homem religioso, apesar de ter ligação com mosteiros e monges budistas. "Nas minhas viagens, tive bons guias que me ajudaram a compreender melhor o mundo, mas não me tornei um religioso, apenas fiquei mais espiritual", ponderou o pesquisador, que já produziu mais de 40 discos com os sons que recolhe pelo mundo.